

Relatório

Df nº 12/MOU/83

Em 05/05/83

D. Ch PIA Marudjewara

A. Sr Dir DTA/20 DR/AJAM

Assunto Campo de Pouso (COMARA)

Sr Diretor:

Tem por finalidade este relatório / tentar esclarecer de uma vez p~~er~~ todas (Se possível) os problemas que en- volveram a COMARA e FUNAI, nos trabalhos de construção do campo de pouso neste PIA, já que em junho/83 vai fazer um ano que tudo começou.

Em junho/82, com a vinda de Dr An- drade Leal (Assessor AGESP) foi dado início o processo de mudança da co- munidade Parakanã do PI Tucuruí para o PIA Marudjewara. Aproximadamente/ em 15 de junho/82 viemos para cá em helicóptero cedido pela ELETRONORTE, junto com o Dr Andrade Leal, srs Aldo e Biá e mais quatro trabalhadores. No dia seguinte vieram seis índios. Os srs Aldo e Biá são (ou eram) fun- cionários da COMARA e logo ao chegar, definiram o local de construção do campo de pouso e de imediato começaram a trabalhar junto com os índios. Neste curto período (15 dias) tudo correu em perfeita harmonia. Havia um único rancho, uma única cozinha e o tratamento dado aos índios éra o me- lhor possível. Os quatro trabalhadores contratados pela comara (2 opera- dores de moto-serra, 1 ajudante e 1 cozinheiro) não estavam preparados / para trabalhar no mato e com 10 dias apenas de trabalho, pediram p/ sair, quando o sr Aldo entrou em contato comigo, solicitando que eu providenci- asse a arregimentação de 30 operários em Tucuruí, que então a COMARA pro- videnciaria a necessária contratação e transporte via helicóptero FAB. Para que não houvesse nenhum atrazo e usando meu bom relacionamento com o pessoal de recrutamento e seleção de pessoal da CAPEMI em Tucuruí, so- licitei que fossem selecionados os 30 homens (5 operadores de moto-serra 5 ajudantes e 20 braços) o que foi feito. Nesta ocasião, foi ao meu en- contro em Tucuruí, um funcionário da COMARA, que foi avisado da convoca- ção do pessoal para 19/06/82 e que deveria providenciar a devêda contra- tação, exames médicos, transporte etc. Na data aprezada não apareceu / ninguém no local e hora marcados em Tucuruí. Na ocasião eu estava em Marabá fazendo compras para a própria COMARA) quando o pessoal seleciona- do se sentindo enganados, foram a CAPEMI provocando grande tumulto, sen-

do necessário até a presença da polícia para resolver o assunto. (Mais tarde fui convocado pela PM local para explicações). Da COMARA nenhuma / explicação ou satisfação. Nesse ínterim, os índios junto com Sr Aldo e Biá, já tinham terminado a broca da área escolhida. Como a coisa estava se complicando muito, fui a Belém e entrei em contato com o Cel Santana e Cel Palhiuber na COMARA. Expliquei a situação e estes prometeram dar solução ao caso. (que eu não me preocupasse). Passados seis dias aproximadamente, fui contatado pela 2ª DR, quando me solicitaram que fosse se à Tucuruí recepcionar o pessoal da COMARA que estariam chegando no domingo, pela madrugada, no barco Fontes Filho. Fui informado que viriam aproximadamente 40 pessoas e que eu deveria dar todo apoio possível. Providenciei junto a ELETRONORTE 1 ônibus e às 03:00 estávamos no porto de Tucuruí. O barco chegou às 04:00. O encarregado da turma (Sr Santana) vinha acompanhado de um sargento da aeronáutica e 38 trabalhadores. Nesta altura eu já tinha sido avisado que haveria atraso na vinda do helicóptero da FAB. Avisei o Sr Santana e este me disse que não tinha verba para pagar hotel para toda aquela turma. Depois de ter percorrido todas as firmas e locais em Tucuruí que pudesse glojar tanta gente e não conseguindo, encontrei com meu colega Jurson Caldas Gões, chefe do PI Trocará que me ofereceu um barracão do seu PI que estava desocupado e oferecia várias vantagens: ficava distante da aldeia, apenas 1 hora de barco/ou 10 minutos de vôo de Tucuruí, era gratuito e tinha local conveniente para o pessoal fazer comida e refeições. O Sr Santana concordou de imediato, inclusive afirmando que compensaria de alguma forma o meu colega/Jurson, pelo transtorno que estava causando. O que nunca aconteceu. Uma vez alojado o pessoal, voltamos para Tucuruí eu, o sr Santana e o Sto / Marques. Nos hospedamos no Hotel da ELETRONORTE. O sr Santana entrou em contato com um Brigadeiro (não sei o nome) seu amigo, que afirmou que no máximo em dois dias teríamos 2 helicópteros da FAB à nossa disposição. Passados cinco dias, como o tal helicóptero da FAB não apareceu, consegui junto à ELETRONORTE alguns vôos que nos trouxe, ainda fazendo duas pernas trazendo mais dois trabalhadores e rancho. Nesta altura eu havia constatado que nenhum dos homens havia sido vacinado ou sequer examinado por um médico. Imagine-se a situação: 40 pessoas entrando em área indígena / sem nenhuma precaução. Providenciei a ida do Dr Marcos Guimarães (Medico da FUNAI) ao Trocará, que examinou o pessoal e encontrou 3 doentes que foram dispensados pelo encarregado do sr Santana; também foi providenciada a ida da SUCAM que fez vacinação anti-amarílica no pessoal, além de / localizarem 2 casos de malária. Logo que o sr Santana chegou aqui, os / srs Aldo e Biá se retiraram de imediato, visto que mesmo tendo certo parentesco com o Sr Santana, afirmaram que de maneira alguma trabalhariam com ele por ser pessoa sem escrúpulos. Paralelo a isto, o proprio Sto ..

MINISTÉRIO DA INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI

Marques já havia afirmado que o sr Santana "é doido". A própria presença do referido sargento é motivo para estranheza, pois este veio tão somente para passar a carga da comara dos srs Aldo e Elé p/ o sr Santana, material este que não passava de um simples rádio (Transceptor), alias o único patrimônio da COMARA no local. Todas as despesas que envolveram a viagem do sargento apenas para conferir um rádio. Quanto às ferramentas de trabalho a FUNAI havia fornecido praticamente todo o necessário: 05 moto-serras novas, ferramentas diversas, rancho, material de cozinha, grupo gerador, filtro d'água, poço, combustíveis e lubrificantes etc. As únicas coisas trazidas pelo sr Santana foram 20 carrinhos de mão e algumas ferramentas tais como pás e enchedas. A primeira providência de sr Santana ao chegar, foi condicionar a localização inicial da pista e escolher outro local, desconsiderando o enorme trabalho já feito, alegando que o terreno é baixo. O novo local escolhido por ele realmente é mais alto mas teve como consequência o abate de 47 castanheiras e várias árvores de madeira de lei, enquanto no local anterior só seriam sacrificadas tres. Outra desvantagem será a grande movimentação de terra necessária para tornar a pista viável. Foi então dado início à broca no novo local. Embora insatisfeitos com a mudança, os índios ainda ajudaram e trabalharam na broca do novo local, até que abandonaram o trabalho, devido ao péssimo tratamento dado pelo sr Santana tal como: Péssima e pouca alimentação, obrigava o pessoal trabalhar das 04:00 às 20:00; exigia à todo instante que os índios fossem caçar para ele; Tomava toda a pesca obtida pelos índios, alegando pagar depois (nunca pagou). Enquanto isto o pessoal que ainda restava no PI Trocará, estavam revoltados com a demora no local já que não estavam ganhando e começaram a criar problemas tais como sair às escondidas e comprar bebidas, por exemplo. Neste período ainda houve cinco deserções. Ao todo o pessoal permaneceu 22 dias no PI Trocará, já que não houve por parte da COMARA/FAB nenhuma coordenação na vinda dos helicópteros, mais da metade do pessoal e equipamento acabou por ser transportado pelo helicóptero da ELETRONORTE, em detrimento do trabalho de roças que deveria ser paralelo à construção do campo de pouso, ou seja: a COMARA cuidaria das obras do campo e nós (FUNAI), providenciariamos ao plantio de roças e construção da aldeia. Pela previsão da COMARA, o campo deveria ser entregue operacionalmente no máximo em novembro/82, data aprazada para a mudança Pucurui-Marudjewara. Quando o último trabalhador chegou por aqui, mais da metade já tinha saído devido aos maus tratamentos, pouca alimentação, doenças de excesso de trabalho. Cada vez que aqui chegava um helicóptero trazendo alguns, já voltava lotado com os desistentes. Nesta ocasião, retornou aqui o Dr Adrade Leal, que aparentemente compreendeu a situação e ao retornar à Brasília, esperávamos que providências fossem tomadas, mas infelizmente a situação permaneceu a mesma.

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

Ac se dar conta que não seria possível cumprir os prazos estabelecidos, / o SR Santana foi a Tucuruí e recrutou 15 homens, usando meu nome e da FUNAI. Apenas 20 dias depois de chegar aqui, 12 dos 15 saíram pelo mato e levaram 08 dias à pé até chegarem a trezenamazônica em péssimo estado. Até hoje pelo que me consta, nenhum deles recebeu nada pelo trabalho. O tratamento dado aos trabalhadores era o seguinte: se alguns deles na qui ~~zesse~~ mais trabalhar e se despedia (pedia as "contas"), este não recebia mais alimentação até que tivesse um vôo disponível para sair. Para que / estas pessoas não morressem de fome, o pessoal da FUNAI os alimentava. O Sr Santana forneceu aos trabalhadores uma série de objetos de uso que ti nha sido adquirido pela FUNAI e descontou o valor correspondente no salário dos trabalhadores. Fazia a mesma coisa com medicamentos fornecidos / pela FUNAI e FAB; cada comprimido era cobrado, o mesmo com relação aos / curativos. Este permitiu que trabalhador não habilitado operasse com um moto-serba e devido a isto este se acidentou e quase perdeu o braço, não fosse a pronta ação da FUNAI em enviar socorro. Mais tarde não promoveu devido tratamentona um doente que acabou por falecer ao dar entrada no hospital em Marabá. Quanto ao trabalho da pista, embora com pouco pessoal, teria sido possível ter feito mais se não fosse sua inabilidade, / por exemplo ao termina a broca e derrubada com apenas sete dias pôs fogo que logicamente só queimou as folhas, deixando quase tudo para ser tirado à mão, ao invés de aguardar pelo menos 20 dias, que restaria apenas / alguns tocos carbonizados. Até hoje 60% da área da pista está coberta de árvores derrubadas e com a capoeira se formando rapidamente. Finalmente em meados de novembro este já agora com apenas quatro homens, se retirou afirmando que o fazia "por não receber apoio da FUNAI para terminar o / serviço". Depois de tudo isto ainda houve uma tentativa de roubo do equipamento da FUNAI, ordenado por este, ao sair, colocou grande quantidade de material no avião, que felizmente para nós teve de fazer pouso técnico onde eu me encontrava, quando me dei conta da situação e consegui retirar nosso material do aparelho.

O resultado está aí; dispomos somente 520 X 40m de pista, aproximadamente, com piso totalmente irregular sujeito à inundações, inoperável se chover, perigoso se ventar, e quando seca a areia solta e profunda pode provocar acidentes ou encalhar o avião em manobras. VSA já deve estar a par do acidente com o PT-FAP. Considerando as condições, foi verdadeiro virtuosismo do piloto Flávio não ter sido pior. Para se solucionar o assunto definitivamente, será necessário que a COMARA envie sua equipe mecanizada e cumpra o contrato. É necessário que a FUNAI envie alguma autoridade para acompanhar os trabalhos visto que um simples chefe de posto como eu não pode tomar decisões que

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

o assunto requer. Falando nisto, toda esta confusão provocada pela COMARA teve como efeito me indispor com uma série de pessoas de própria FUNAI, e prejudicar sobremaneira minha atuação na área. VSA deve ter percebido que em todos os momentos eu estive à frente, tendo que providenciar tudo, além de cuidar do PI Pucuruf e dos trabalhos de roça no Marudjewara. Pelo que sabemos do contrato, a pista deve ter 1200m de comprimento, com 43 metros de largura, 286 m em cada cabeceira e laterais que somem com a pista 150 metros, tudo destocado, além do pátio de manobras e a execução do desmatamento e ~~destaca~~ destoca de uma clareira circular c/ 200 metros de diâmetro p/ se instalar a aldeia, além de prestar pequenos serviços / no PIA. Não sei se consta no contrato, mas se possível esta deve ser compactada e cascalhada (Piçarrada), já que existe cascalheira bem próxima / a esta. Deve-se notar que durante todo este tempo, não esteve aqui / nenhum técnico, ou engenheiro ou autoridade da COMARA para acompanhar os trabalhos. Em 06 de janeiro deste, prestamos algumas informações ao sr presidente que para minha surpresa afirmou a COMARA já ter recebido / R\$ 38 000 000,00 dos R\$ 50 000 000,00 do contrato. Ao que sabemos, jamais a COMARA gastou aqui sequer uma fração disto, já que não pagou os vôos / de helicóptero da ELETRONORTE, não pagou hospedagem, não pagou grande parte do pessoal, não pagou caça dos índios, não pagou os diversos vôos em aviões da FUNAI, não pagou equipamentos e nem parte do rancho ou medicamentos. O SR Santana ainda me deve particularmente R\$ 100 000,00 e a alguns motoristas de taxi em Tucuruí.

Em tempo: Nenhum piloto de taxi aéreo de Marabá ou proximidades quer pousar neste campo desde o acidente do PT-FAP. Espero que este relatório tenha abrangido todo o assunto. Solicitamos VSA, caso haja necessidade de maiores esclarecimentos um contato pessoal em meados de julho, quando saio de férias e estarei em Brasília. Sem mais, despedimo-nos

Atenciosamente


Iberê Sassi - Aux Tecn Indigenista
Ch PIA Marudjewara